

O que faz uma escola?

John Carlos Alves Ribeiro

[Professor. Instituto Federal de Goiás. Membro do Dona Alzira]

Uma escola é feita de pessoas. Uma escola é feita por pessoas. Uma escola é feita de trabalho. Uma escola é feita de relações. É a escola a responsável por formar pessoas, trabalhadores e mesmo os seus algozes, seus exploradores. Sendo assim, a escola é o resultado de um contexto social, histórico, cultural e econômico. É também condicionante importante desses mesmos fatores. Mesmo assim insisto na pergunta: **O que faz uma escola?**

E ao fazer tal pergunta: **Qual o seu papel na sociedade? Ou papéis?**

E a pergunta pode ser feita: **Qual o seu conteúdo? Qual a sua essência?**

Enfim: **O que vem a ser a escola na contemporaneidade?**

Não tenho resposta pronta para nenhuma dessas perguntas. Mas fazê-las ajuda a me colocar diante da realidade que constitui a escola, enquanto espaço, lugar, território, ambiente. Ajuda a refletir sobre como essa escola está contida na realidade de uma sociedade cada vez mais competitiva, imbuída de preceitos neoliberais e regida por suas ideologias. Qual o papel da escola na sociedade do cansaço ou do desempenho (Byung Chul-Han, 2018)? Como a escola lida com o processo de subjetivação neoliberal (Dardot e Laval, 2019)? Ou seja, como ela contribui para a conformação de subjetividades ou para a formação de sujeitos que atendam às novas demandas ou novas dinâmicas de vida em sociedade? Como vocês devem estar percebendo, meu papel aqui é de mero "perguntante". Quero apenas instigar reflexões sobre a educação que Christian Laval (2019) denominou de "neoliberal" em "A escola não é uma empresa". Partindo da premissa de que interrogar a realidade é uma boa forma de criar caminhos à sua compreensão, apresento aqui algumas imagens para suscitar reflexões. Quero perscrutá-los a respeito do tema. Colocá-los diante da complexidade da educação e da escola contemporâneas e de suas mudanças mais marcantes. Provocá-los. Convidá-los a pensar sobre os rumos que temos dado, enquanto sociedade, para essa instituição. Vamos às imagens.

..... Um professor chega à escola, estaciona seu carro e passa rapidamente pela sala dos professores. Cumprimenta formalmente seus colegas e segue para sala de aula. Ministra suas 10 aulas do dia, em 2 turnos. Deixa atividades para cada turma. Vai para casa. Lança tudo nos sistemas e prepara as aulas do dia seguinte. O professor faz isso todos os dias até o fechamento do bimestre, semestre, ano letivo. Mensalmente precisa aplicar avaliações. Hoje há um sistema de avaliação em blocos aqui em Goiás. Mas ele precisa também preparar os estudantes para o vestibular/ENEM, então, elabora e aplica simulados e acompanha a evolução dos estudantes. Precisa ainda participar de reuniões de planejamento, conselhos de classe e reuniões de pais. Tudo isso repetido bimestralmente. E, para se manter atualizado e acessar benefícios (premição por mérito ou bônus anuais), faz cursos de formação continuada. Também precisa se exercitar, se alimentar e dormir bem, pois assim correrá menos risco de adoecimento e recorrência a atestados. Sim... Não dar entrada a atestados é uma forma de manter mais um benefício: viva o bônus! Sustente-se, sobreviva, apesar dos ônus. "Felizmente" esse professor não tem filhos, nem esposa, não precisa levar ninguém ao médico ou ir a reuniões escolares. Viva o bônus!

Felizmente, tem pais saudáveis, não tem irmãos, nem sobrinhos e parentes próximos. Viva o bônus, pois há menos risco de ônus! Neste caso hipotético, o professor, com suas lutas diárias, consegue exercer satisfatoriamente seu papel. Trabalha, obtém resultados e vive relativamente bem, pois consegue, inclusive, atingir o máximo possível de ganhos que sua profissão permite na sociedade do desempenho. Ele é o cara! Exemplo de trabalhador. Opa! Desculpem o equívoco. Na escola da sociedade neoliberal ele é o exemplo de colaborador. Está pronto para vencer e preparar seus alunos para seguir seus passos. Quase lhe sobra tempo para abrir um canal no youtube e relatar suas experiências exitosas, o que talvez pudesse ajudar muitos de seus colegas professores a seguir a mesma cartilha. Esse professor, competitivo e performático, vive, apesar das cobranças. É exemplo de resiliência. Lê sobre o estoicismo e se considera um vencedor. Seu livro de cabeceira, por sinal, não poderia ser outro que não as "**Meditações**", do imperador Marco Aurélio. Por seguir bem as regras do jogo, vence pelo mérito. Mas isso muda bruscamente em dois anos.

O professor cometeu o grave erro de se apaixonar por uma colega que conheceu em um evento. Pasmem! Até de eventos científicos ele conseguia participar. E ao se apaixonar, casou-se em questão de meses. A mudança brusca de vida incluiu uma filha, logo no primeiro ano de casamento. Sua esposa ainda não era concursada, trabalhava na condição de contrato temporário. Para sua tristeza, sua filha nasceu com uma síndrome rara, exigindo maiores cuidados e idas frequentes a médicos, que caberia a ele, pois a condição de contrato de sua esposa não lhe garante o "privilégio" de se ausentar do trabalho para cuidar de quem quer que seja. Lá se vão os bônus! O professor agora tinha que dividir seu tempo com a família e não lhe sobrava nada para treinos e cuidados com a saúde. Agora ele também precisava de médicos. Lá se vão mais bônus. Por dormir mal ao dividir o tempo de trabalho com os cuidados de sua filha, por não se alimentar mais como antes e em razão da escassez de tempo para a execução plena de suas atribuições, vive aos atrasos e tem a qualidade de seu trabalho questionada por seus superiores. Frente a tudo isso, por fim, ele, o resiliente, estoura.

O professor de alta performance da sociedade do desempenho, este que era a cara da educação neoliberal foi atropelado pela vida. Seu sucesso, seu êxito, seus méritos, foram pelo ralo. Agora só lhe resta ônus. Mas, e os bônus que ele recebeu nos últimos anos? Infelizmente não era grana suficiente para ele comprar mais vida. Nem para adquirir mais saúde para si próprio ou a sua filha. Infelizmente ele, o professor símbolo da escola neoliberal, não era máquina, mas quebrou como tal. E a questão inicial: **o que faz uma escola?** A resposta é que a escola faz muitas coisas, inclusive, vidas. Essa escola sempre produz vidas possíveis diante das condições sociais, econômicas e culturais de seu tempo histórico. As imagens propostas aqui nos colocaram diante de extremos, exatamente para refletirmos sobre o que fazer com a escola e com a educação que construímos/que recebemos. Como meu papel aqui é o de escarafunchador, vamos a ele: **O que você faz da escola que recebe? É essa a escola que merecemos? O que temos feito para alcançar a escola que queremos? Mais uma vez, perguntas e mais perguntas. Que tenhamos saúde, vida, para seguirmos em busca de respostas.**

■ ■ ■